

Carisma e política:

o papel dos puxadores de voto no estado de São Paulo

Perla Sachs Kindi

Orientação: Bruno Speck

1. Introdução

O sistema eleitoral de lista aberta, adotado no Brasil para a eleição de deputados federais, estaduais e vereadores, tem como consequência a transferência de votos entre candidatos do mesmo partido, ocorrendo de formas distintas: (i) candidatos amplamente populares que ao assegurarem mais votos para seu partido consequentemente elegem outros candidatos menos votados e (ii) diversos pequenos candidatos que, somados, arrecadaram votos suficientes para o partido eleger outro membro melhor qualificado na lista.

O presente trabalho se foca na primeira forma mencionada de transferência de votos: os chamados “*puxadores de voto*”¹. Como recorte temporal, foram adotadas as eleições de 2002 a 2014 para os cargos de deputado federal e estadual do Estado de São Paulo. Sob estas delimitações, foram identificados os seguintes candidatos, objetos de estudo da presente pesquisa:

Tabela 1-

Puxadores Federais		
Deputados	Partido	% Válidos
2002	Eneas	PRONA 8.01%
	Dirceu	PT 2.84%
	Cardozo	PT 1.54%
2006	Maluf	PP 3.53%
	Russomano	PP 2.74%
	Clodovil	PTC 2.36%
	Eneas	PRONA 1.85%
	Emanuel	PSDB 1.57%
	Tiririca	PR 6.14%
2010	Chalita	PSB 2.54%
	Maluf	PP 2.26%
	Russomano	PRB 7.17%
2014	Tiririca	PR 4.78%
	Feliciano	PSC 1.87%
	Covas	PSDB 1.66%
	Garcia	DEM 1.58%
	Q.E.	1.43%

Tabela 2-

Puxadores Estaduais		
Deputados	Partido	% Válidos
2002	Havanir	PRONA 3.48%
	Lopes	PPB 1.06%
2006	Machado	PTB 1.19%
	Tobias	PSDB 1.10%
2010	Covas	PSDB 1.10%
	Capez	PSDB 1,47%
2014	Telhada	PSDB 1,22%
	Morando	PSDB 1,14%
	Tripoli	PV 1,12%
	Q.E.	1.06%

¹ Foram considerados como “puxadores” os candidatos que ultrapassam o quociente eleitoral, ou seja, aqueles que obtém votação suficiente para transferirem seus votos excedentes a candidatos menos populares de seus partidos e coligações.

O principal objetivo da investigação foi melhor conhecer a relação entre estes puxadores e as organizações partidárias, buscando compreender se estas personalidades amplamente carismáticas são fruto de estratégias partidárias ou se são fatores de desestabilização para estas organizações. A investigação foi estruturada em duas partes: (i) análise quantitativa dos padrões de concentração e dispersão de votos das eleições estudadas e (ii) análise qualitativa das trajetórias políticas dos puxadores.

2. Metodologia

2.1. Análise quantitativa

Para a análise dos padrões de concentração e dispersão de votos, foi utilizado o coeficiente Gini. Apesar de ser mais frequentemente utilizado como indicador de desigualdade social, pode ser utilizado para mensurar a desigualdade de qualquer distribuição. No caso desta pesquisa, o índice foi utilizado para verificar a concentração de votos em um único candidato ou a dispersão em diversos candidatos.

O coeficiente indica em uma escala de 0 a 1 o grau de afastamento da distribuição de um fenômeno de uma distribuição perfeitamente equitativa. No contexto da pesquisa, 0 indicaria distribuição totalmente igualitária dos votos entre candidatos e 1 indicaria concentração total de votos em um único candidato.

O índice foi aplicado de duas formas distintas (i) em cada uma das eleições, sem diferenciação entre os partidos dos candidatos (ii) para cada um dos partidos em cada uma das eleições.

2.2. Análise qualitativa

Uma vez identificados os puxadores (listagem nas tabelas 1 e 2), o método QCA foi utilizado para compreender quais os possíveis fatores levaram os candidatos ao status de puxador. Ao analisar a trajetória dos candidatos, entretanto, foi possível perceber que a ultrapassagem da fronteira do quociente eleitoral na maioria dos casos não foi o momento mais marcante da carreira eleitoral dos candidatos. A trajetória mais comum era a de candidatos que apresentavam votações pequenas e, depois de alguns anos atuando como deputado, têm um salto no desempenho eleitoral.

Este salto, na maioria das vezes, não necessariamente levou diretamente ao status de puxador, mas aproximou o deputado à fronteira do quociente eleitoral, que foi ultrapassado nas próximas eleições após um crescimento de votos relativamente pequeno.

Sendo assim, considerou-se como variável dependente um salto na votação de 75% ou mais para o mesmo cargo. Foi considerado que houve um “Salto de Voto” nos seguintes casos: crescimento de mais de 75% no desempenho eleitoral entre eleições para o mesmo cargo² e deputados estreantes na política diretamente como puxadores.

Como variáveis explicativas, foram utilizadas: 1-Carreira Política; 2-Fidelidade Partidária; 3-Mídia. Os critérios de atribuição de valor 1 (existência) para cada uma das variáveis estão descritos na tabela abaixo:

Tabela 3: Critérios utilizados para o QCA

Carreira Política (C)	Concorreram ou ocuparam algum cargo político (indicado ou eleito)
Fidelidade Partidária (F)	Filiados em um único partido até o momento da virada ou se mantiveram no mesmo partido por 10 anos ou mais. ³
Mídia (M)	Candidatos que possuíam canal em algum veículo midiático (rádio ou TV) ou se envolveram em um caso de alta visibilidade midiática não relacionado à sua carreira política.

A partir estes critérios, então, foi possível classificar a trajetória dos candidatos puxadores e identificar quais as variáveis mais comuns em suas carreiras.

3. Resultados

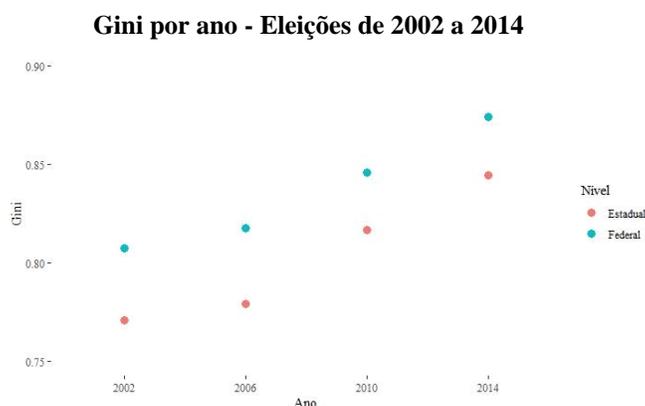
3.1. Análise Quantitativa

A análise dos gráficos de dispersão e concentração trouxeram resultados interessantes para a pesquisa.

² Cada salto de >75% do candidato foi considerado individualmente. Sendo assim, alguns candidatos foram contemplados duas vezes.

³ Não foram considerados fiéis os candidatos estreantes na política que anteriormente à sua candidatura não fizeram parte de organizações internas partidárias.

Gráfico 1.



Mais marcante no gráfico é a distinta tendência de concentração de votos ao longo das eleições, indicando uma tendência nas estratégias partidárias nos últimos anos. Esta tendência é notável tanto na esfera estadual quanto na federal, indicando que os partidos adotam estratégias similares em ambos os níveis de governo.

A partir do cálculo do índice Gini no interior de cada partido⁴, foi verificado também que o aumento da concentração de votos ao longo das eleições não foi um fenômeno liderado por somente alguns partidos nos pontos extremos de concentração e dispersão, mas fez parte de uma tendência mais ampla, acompanhada pela maioria dos partidos. Conforme demonstra a tabela 4 abaixo, cerca de 60% dos partidos concentraram votos a cada par de eleições, enquanto menos de 40% dispersou⁵.

Tabela 4. Porcentagem de partidos concentradores ou dispersores – Eleições 2002 a 2014

	2002-2006	2006-2010	2010-2014
Concentradores	64.3%	61.5%	76.9%
Dispersores	35.7%	38.5%	23.1%

⁴ O cálculo do índice Gini foi feito com base nas bases dados eleitorais disponibilizadas virtualmente pelo TSE no endereço <http://www.tse.jus.br/eleicoes/estatisticas/repositorio-de-dados-eleitorais-1/repositorio-de-dados-eleitorais>, arquivo “votação em partido por município e zona”, acessado em 10 de março de 2019 e “votação em candidato por município e zona”, acessado em 10 de junho de 2018.

⁵ Foram classificados como “concentradores” os partidos que apresentaram crescimento do índice GINI entre eleições, e “dispersores” os partidos que apresentaram queda.

Gráfico 2.

Gini por porcentagem de votos totais – Eleições estaduais 2002-2014

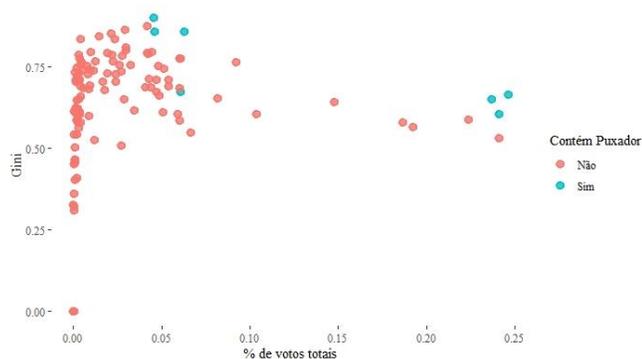
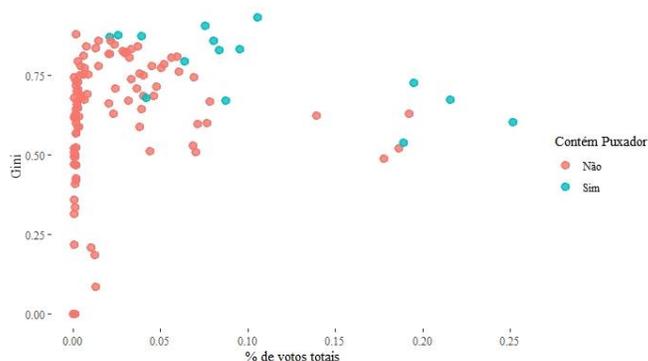


Gráfico 3.

Gini por porcentagem de votos totais – Eleições Federais 2002 - 2014



A partir da análise destes gráficos, é possível verificar que maiores partidos tendem a ser menos concentradores, mesmo quando possuem puxadores. Já os partidos menores com puxadores, em sua maioria, apresentavam maiores índices de concentração de voto. Foi interessante notar, também, a grande variedade de estratégias adotadas pelos pequenos partidos.

3.2 Análise Qualitativa –

Após identificados os candidatos puxadores a cada eleição (tabelas 1 e 2), e investigadas as suas trajetórias políticas, foi possível classifica-los de acordo com as variáveis explicativas (tabela 3) para aplicação do método QCA⁶ da seguinte forma:

⁶ Dos puxadores mencionados nas tabelas 1 e 2, só foram excluídos Paulo Maluf e Rodrigo Garcia para a análise QCA, pois no caso do primeiro, a carreira iniciada durante a ditadura militar seria muito discrepante do restante dos candidatos e, no caso do segundo, o crescimento eleitoral foi paulatino demais para perceber um salto marcante.

Tabela 4 – Truth-table QCA

F	C	M	S	n	%	Casos
1	1	1	1	2	9.1%	Feliciano 2014, Telhada 2010
0	0	1	1	3	13.6%	Russomano 1994, Tiririca 2010, Clodovil 2006
0	1	1	1	3	13.6%	Lopes 1998, Russomano 2006, Russomano 2014,
1	0	1	0	0	0.0%	
1	1	0	1	9	40.9%	Dirceu 1998, Dirceu 2002, Cardozo 2002, Emanuel 2006, Machado 1998, Capez 2010, Covas 2010, Eneas 2002, Havanir 2002
0	1	0	1	5	22.7%	Tobias 2002, Chalita 2010, Morando 2006, Morando 2014, Tripoli 2012.
1	0	0	0	0	0.0%	
0	0	0	0	0	0.0%	

F: Fidelidade Partidária; C: Carreira Política; M: Mídia. S: Salto de votos

Tabela 5 – Frequência de ocorrência das variáveis.

Variável	%	Suficiente	Necessária
Carreira	86.4%	1	0
Fidelidade	50.0%	0	0
Mídia	36.4%	1	0

Um dos resultados mais surpreendentes da análise QCA foi a relevância da variável de fidelidade partidária, estando presente em metade dos casos estudados (apesar de que por si só não foi suficiente levar ao salto eleitoral). Isso sugere que os puxadores de voto não entram necessariamente em conflito com suas estruturas partidárias, podendo até utilizá-las como parte de suas estratégias eleitorais.

Foi marcante, também, a prevalência da variável Carreira Política, indicando que o sucesso eleitoral dos candidatos puxadores pode ser atribuído, pelo menos em parte, como satisfação e recompensa do eleitorado. A variável mídia, por sua vez, apesar de ser condição suficiente para eleger um candidato, foi a menos prevalente, estando presente em apenas 36.4% dos casos estudados, sugerindo que puxadores midiáticos são menos comuns do que o inicialmente esperado.

4. Conclusão

A primeira etapa de análise de padrões de dispersão de votos indicou uma tendência de concentração entre as eleições de 2002 e 2014, observada tanto nas organizações partidárias individualmente e quanto no panorama geral das eleições. Foi possível verificar, ainda, que os

pequenos partidos utilizam uma variedade de estratégias eleitorais, enquanto os grandes tendem a distribuir seus votos mais próximos da média. Além disso, a análise indicou que os puxadores são mais impactantes no coeficiente Gini partidário quando pertencem a partidos pequenos, apontando a possibilidade de maior influência desses personagens carismáticos dentro de suas organizações.

A segunda etapa da pesquisa identificou a prevalência das variáveis da carreira política (86,4%), fidelidade partidária (50%), e aparição midiática (36,4%) na trajetória eleitoral dos puxadores. Os resultados preliminares dos dados indicam que os puxadores não aparentam estar em conflito com as estruturas partidárias, possuindo, em sua maioria, altos índices de fidelidade partidária e carreiras políticas consolidadas.

Espera-se que o presente estudo tenha contribuído para a melhor compreensão das dinâmicas que envolvem os puxadores de voto e as estruturas eleitorais e partidárias no estado de São Paulo, fenômeno ainda pouco estudado pela ciência política.

5. Bibliografia

AMARAL, O. E. DO. O que sabemos sobre a organização dos partidos políticos: uma avaliação de 100 anos de literatura. 2013.

BRAGA, M. DO S. S. Organizações partidárias e seleção de candidatos no estado de São Paulo. **Opinião Pública**, v. 14, n. 2, p. 454–485, nov. 2008.

CAREY, J. M.; SHUGART, M. S. Incentives to cultivate a personal vote: A rank ordering of electoral formulas. **Electoral Studies**, v. 14, n. 4, p. 417–439, dezembro 1995.

CARREIRÃO, Y. DE S. O sistema partidário brasileiro: um debate com a literatura recente. **Revista Brasileira de Ciência Política**, n. 14, p. 255–295, maio 2014.

DAVIES, G.; MIAN, T. The reputation of the party leader and of the party being led. **European Journal of Marketing**, v. 44, n. 3/4, p. 331–350, 6 abr. 2010.

DESPOSATO, S. W. Reforma política brasileira. O que precisa ser consertado, o que não precisa e o que fazer. *In*: NICOLAU, J. M.; POWER, T. J. (Eds.). **Instituições representativas no Brasil: balanço e reforma**. Belo Horizonte; Rio de Janeiro: Editora UFMG, 2007. p. 123–153.

DYCK, B. V. External Appeal, Internal Dominance: How Party Leaders Contribute to Successful Party Building. **Latin American Politics and Society**, v. 60, n. 1, p. 1–26, fev. 2018.

FIGUEIREDO, A. C.; LIMONGI, F. Instituições políticas e governabilidade. *In*: MELO, C. R.; ALCÁNTARA SÁEZ, M. (Eds.). **A democracia brasileira: balanço e perspectivas para o século 21**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007. p. 25–32.

FLEISCHER, D. Os partidos políticos. *In*: AVELAR, L.; CINTRA, A. O. (Eds.). **Sistema Político Brasileiro: Uma Introdução**. 2. ed. Fundação Konrad Adenauer; Unesp: Rio de Janeiro; São Paulo, 2007. p. 303–348.

GUNTHER, R.; DIAMOND, L. Species of Political Parties: A New Typology. **Party Politics**, v. 9, n. 2, p. 167–199, 1 mar. 2003.

GROFMAN, B.; SCHNEIDER, C. Q. An Introduction to Crisp Set QCA, with a Comparison to Binary Logistic Regression. **Political Research Quarterly**, v. 62, n. 4, p. 662–672, dez. 2009.

KINZO, M. D. G. **Representação política e sistema eleitoral no Brasil**. [s.l.] Edições Símbolo, 1980.

LEVITT, B.; KOSTADINOVA, T. Personalist Parties in the Third Wave of Democratization: A Comparative Analysis of Peru and Bulgaria: Personalist Parties in Peru and Bulgaria. **Politics & Policy**, v. 42, n. 4, p. 513–547, ago. 2014.

LI, Q. **Using R for data analysis in social sciences: a research project-oriented approach**. New York, NY: Oxford University Press, 2018.

LIJPHART, A. **Modelos de democracia: desempenho e padrões de governo em 36 países**. [s.l.] Civilização Brasileira, 2003.

MUSELLA, F. How personal parties change: party organisation and (in)discipline in Italy (1994–2013). **Contemporary Italian Politics**, v. 6, n. 3, p. 222–237, Setembro 2014.

NICOLAU, J. Os sistemas eleitorais. *In*: **Sistema político brasileiro: uma introdução**. 3a. ed. São Paulo: Editora UNESP, 2015. p. 237–245.

NICOLAU, J. M. O sistema eleitoral de lista aberta no Brasil. *In*: NICOLAU, J. M.; POWER, T. J. (Eds.). **Instituições representativas no Brasil: balanço e reforma**. Belo Horizonte; Rio de Janeiro: Editora UFMG, 2007. p. 97–122.

PASQUINO, G. Italy: The Triumph of Personalist Parties. **Politics & Policy**, v. 42, n. 4, p. 548–566, Agosto 2014.

PEREIRA, R. V.; GELAPE, L. O. Anacronismo do sistema proporcional de lista aberta no Brasil: o caso das razões originárias de sua adoção. **Revista de informação legislativa**, v. 52, n. 205, p. 261–279, 2015.

SANDES-FREITAS, V.; BIZZARRO-NETO, F. Qualitative Comparative Analysis (QCA): usos e aplicações do método. **Revista Política Hoje**, v. 24, n. 2, p. 103–118, 2015.

SILVA, P.; DAVIDIAN, A.; FREITAS, A.; CAZZOLATO, J. D.; SILVA, P.; DAVIDIAN, A.; FREITAS, A.; CAZZOLATO, J. D. Reforma política no Brasil: indagações sobre o impacto no sistema partidário e na representação. **Opinião Pública**, v. 21, n. 1, p. 1–32, abr. 2015.